

O ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO FAZ MAL À SAÚDE? Uma análise das atletas da seleção brasileira de ginástica rítmica

Danielle Freire Wiltshire Viana¹
Cristiano Mezzaroba²

RESUMO

Considerando as atletas da seleção brasileira de Ginástica Rítmica e seu contexto de treinamento esportivo, identificamos e analisamos as compreensões que essas atletas têm no que se refere à saúde. O tipo de pesquisa foi estudo de caso, com observação participante e entrevistas semi-estruturadas. A partir dos dados coletados, sintetizamos as análises nas categorias: “Habitus esportivo”, “O sonho das Olimpíadas” e “Saúde é só ausência de doença?”. Vemos uma visão restrita de que saúde, ao menos para essas atletas de alto rendimento, baseia-se apenas no controle das dores, portanto, uma visão restrita ao físico, sendo desconsideradas questões psicológicas e sociais.

Palavras-chave: Esporte de alto rendimento; Saúde; Ginástica rítmica.

-
- 1 Especialização em Educação Física Escolar/Faculdade Atlântico Brasil. Professora da Rede Pública de Sergipe. São Cristóvão/Sergipe, Brasil.
E-mail: daniellewiltshire@hotmail.com.
 - 2 Mestre em Educação Física. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão/Sergipe, Brasil.
E-mail: cristiano_mezzaroba@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

O esporte de alto nível é hoje um dos maiores fenômenos sociais atingindo direta ou indiretamente todos os segmentos, sejam de ordem econômica, educacional, científica, entre outras. Esse modelo, que há muitos anos é sinônimo (ou modelo) de provedor da saúde, oculta uma realidade contraditória. Isso porque, costumeiramente, ao menos no plano do senso comum, tem-se a ideia – e os discursos são veiculados nesse sentido – de que a prática e o treinamento do esporte de alto rendimento, em que atinge-se o máximo dos limites físicos dos atletas, acaba impactando em ganhos no que se refere à saúde física desses praticantes.

Neste texto, trazemos os dados de uma pesquisa realizada em 2011, em Aracaju, estado de Sergipe, cidade onde a seleção brasileira de ginástica rítmica realiza seus treinamentos para as principais competições internacionais. Participaram da pesquisa as atletas da seleção brasileira de Ginástica Rítmica, em que nos detemos investigar o contexto de seus treinamentos e seus cotidianos, procurando compreender as visões dessas atletas no que se refere à saúde.

Iremos considerar que o esporte de alto rendimento é aquele no qual o indivíduo participa regularmente em competições esportivas, com treinos exaustivos, sendo o objetivo principal obter recordes. O atleta

deve manter sempre o seu rendimento máximo com treinamentos de seis a oito horas por dia, com vistas à superação constante de desafios, ou seja, o fator esporte como uma prática que transcende os limites físicos do corpo.

Considerando que os Jogos Olímpicos são a principal competição do alto rendimento, tem-se o lema do ideal olímpico: *Citius, Altius, Fortius* o que significa, em latim, “o mais rápido, o mais alto, o mais forte”. Essa citação, criada pelo Padre Didon³, amigo do Barão Pierre de Coubertin⁴, resume a postura que um atleta precisa ter para alcançar seus objetivos, a superação em busca da medalha olímpica. Sua essência está na superação dos limites.

Como qualquer outra profissão, os atletas praticantes do alto rendimento também possuem seus agravos consequentemente ligados ao sistema capitalista que vivemos, na qual, envolvem muito mais a questão da sustentabilidade do sujeito do que qualquer outro fator que seja relacionado à saúde ou não.

Do ponto de vista sócio-econômico vale ressaltar que muitas pessoas, principalmente de classes sociais menos favorecidas, vêem no esporte um meio de ascensão social, algo que no Brasil é fácil de ser constatado, pela existência de vários exemplos de atletas que se destacaram no esporte e que atualmente melhoraram sua condição de vida através dele (nossos jogadores de

3 Sacerdote dominicano francês, diretor de um colégio, o qual sua pedagogia era baseada no desporto, mandou bordar na bandeira do seu colégio o lema “*Citius, Altius, Fortius*” sendo em 1894 adotado como frase lema no primeiro congresso olímpico, utilizado desde as primeiras Olimpíadas da Era Moderna em Atenas, 1896. Informações obtidas em: http://www.cob.org.br/movimento_olimpico/simbolos.asp.

4 Pedagogo e historiador francês, tornou-se amigo do padre Didon, por suas visitas aos colégios, os quais trabalhava para que as escolas religiosas incluíssem atividades desportivas em seus currículos. Ele foi considerado o fundador dos jogos olímpicos da era moderna. Informações obtidas em: <http://noticias.bol.uol.com.br/esporte/2008/07/28/ult33u73642.jhtm>.

futebol que são “produzidos” e “exportados” para os mercados do futebol europeu são os exemplos mais rotineiros desse mecanismo). Não por acaso, vê-se uma preocupação institucionalizada – governamental, inclusive – em ofertar escolinhas de futebol em contextos desfavorecidos, como forma de controle do tempo dessas crianças/jovens, mas também como forma barata (senão gratuita) de encontrar talentos esportivos.

A escolha deste tema também está atrelada aos discursos midiáticos sobre o esporte de alto rendimento, que veiculam a ideia de que “esporte faz bem à saúde”, portanto, quanto mais se treinar esporte, mais saúde (física/corporal) e que é através da representação corporal de uma “boa estética” – por isso a representação de um corpo atlético – que se obtém um corpo saudável.

Assim, é de vital importância considerar os problemas que o esporte de alto rendimento podem provocar à saúde do indivíduo praticante. Para isso, perguntamo-nos, como problema de pesquisa: *quais as compreensões que as atletas da seleção brasileira de ginástica rítmica têm em relação à prática constante e intensa do esporte de alto rendimento em relação a sua própria saúde?*

Assim, neste estudo que ora apresentamos, fizemos uma análise com as ex-atletas da seleção brasileira de ginástica rítmica que até então possuíam o objetivo de alcançar performances consideradas inatingíveis. Apresentamos uma discussão sobre o esporte na modernidade; depois, uma discussão sobre saúde em sua concepção ampla; na sequência, abordamos as questões da ginástica rítmica, em relação à feminilidade, beleza e corpo perfeito. Seguimos com a explanação dos procedimentos metodológicos da pesquisa e, em seguida,

apresentamos e analisamos os dados encontrados, ou seja, as categorias que foram elaboradas a partir dos dados coletados.

Esporte na modernidade: espetáculo, mercadoria, mídia

Se levarmos em consideração o esporte moderno é de fácil percepção que todo o seu objetivo antigo, considerando seu aspecto lúdico, foi deixado de lado ao retratar o esporte como sendo ele de rendimento. Aqui trataremos como suas características o rendimento físico-técnico, a competição frequente, obtenção de records e superação constante de desafios, conforme Vaz (2005) e Bracht (1997).

Ao discutir o esporte de rendimento, Bracht (1997, p.13) relaciona o esporte de rendimento ao esporte espetáculo “porque este abriga a característica central desta manifestação (...) a transformação do esporte em mercadoria veiculada pelos meios de comunicação de massa.” Ou seja, o esporte de rendimento que se transforma em lazer enquanto espetáculo assistido significando uma transformação do esporte em mercadoria pelos meios de comunicação, havendo uma constante aparência entre essas duas manifestações. A partir daí, percebe-se a transformação que a mídia exerce sobre as imagens escolhidas para mascarar o quanto tal esporte é representado para o mundo de uma maneira irreal.

Segundo Marin (2005, p.80) “quando a mídia oferece ao público (...) os tênis da Nike, a espetacularização esportiva, ela não está apenas vendendo produtos, mas sim fornecendo ‘referências culturais para suas identidades.’” Assim, as imagens retratadas pela mídia mostram apenas aquilo que

lhe é de interesse, pois ao retratar esporte induzindo todas as pessoas acreditarem que tal prática proporciona benefícios à saúde, esconde que esta prática pode trazer riscos à saúde de quem o pratica.

O esporte de alto rendimento que a mídia se apropria como espetáculo para mascarar o verdadeiro significado deste esporte nos faz acreditar que esporte é sinônimo de saúde e que pelo fato do sujeito apresentar uma elevada condição atlética, este é considerado como um indivíduo saudável. Isso acontece porque, segundo Bianchi e Hatje (2006, p.166) “a mídia representa no contexto social, como formadora de opinião e construtora de saberes/fazer sociais sobre o esporte”.

Assim, fica evidente, conforme Betti (2002, p.2) que “o esporte não teria alcançado a importância política, econômica e cultural de que desfruta hoje não fosse sua associação com a televisão, associação esta que criou uma ‘realidade textual autônoma’: o esporte telespetáculo”.

O fato de que a mídia expõe tal afirmação, qual seja, de que esporte é sinônimo de saúde, explica-se através de não possuir capacidade suficiente para se apossar do esporte como um todo existindo dois motivos importantes que, segundo Betti (2002, p.2) “pela própria natureza e limitações de cada mídia; pelo fato de que cada mídia cumpre funções específicas”, ou seja, como a mídia não é capaz de por si só abordar o esporte em sua inteireza, através de seus interesses ela divulga o esporte de alto rendimento como sendo uma prática saudável e deixa de lado outras discussões importantes a respeito do esporte.

No caso específico da GR, Cavalcanti e Porpino (2007, p.2) argumentam sobre esse corpo que se apresenta como algo

que “é capaz de expressar, transcender, mascarar, simular e maquiagem sentidos a todo o momento” trazendo para a plateia uma linda performance, podendo haver muitas vezes alguma contusão no corpo físico da ginasta, porém não há percepção por parte dos espectadores devido à beleza da atleta em quadra. Assim,

O esporte de alto rendimento procura construir uma imagem que pretende criar uma ilusão de que as práticas esportivas nada têm a ver com as drogas, ao passo que a convivência com elas – legais ou não – parece ser uma necessidade no alto rendimento dadas às enormes exigências competitivas e o extremo sacrifício somático e psicológico ao qual o indivíduo é submetido. (VAZ, 2005, p.28)

Ou seja, a mídia não retrata o sofrimento da atleta e quando o faz, o problema está sempre relacionado exclusivamente a alguma dor muscular, desprezando-se a pressão psicológica que a própria mídia exerce ou mesmo questões que ampliam para além do físico-corporal o entendimento sobre “saúde”.

A saúde em foco: qual saúde?

Ao iniciar esta discussão sobre saúde é necessário entender um pouco a respeito do discurso médico-higienista na constituição do campo da Educação Física no Brasil enquanto prática saudável para o corpo.

De uma maneira bem sucinta, o discurso médico-higienista trata saúde como sendo ausência de doença, ou seja, aborda a saúde do ponto de vista exclusivamente biológico, deixando de tratar o corpo como algo para além da esfera individual,

entendido, também, como um “corpo social” em decorrência da forma como a sociedade moderna se estrutura – entendimento que amplia o que se entende por “saúde” para além da interpretação tratada no senso comum como “ausência de doenças”. Assim,

A medicina social que se estrutura a partir do século XIX, procura demonstrar que a verdadeira origem, causa ou determinação da doença era a realidade social, absolutamente opressora do capitalismo a partir do século XIX. A fome, a miséria e a dominação tinham, para esta concepção de medicina, uma relação direta com a origem das doenças, não sendo, suficiente portanto, apenas, a intervenção médica no corpo individual ou no coletivo social para o restabelecimento ou o estabelecimento da saúde, como postulava a medicina clínica. Não pode haver saúde sem que se mude a sociedade, pois, é a estrutura social que explica o surgimento das doenças. (SOARES, 2007, p.23)

Dessa maneira, os causadores das doenças: a miséria, as (más) condições de habitação, de saneamento básico e esgoto etc. transformavam os “corpos saudáveis”, que era exigência do capitalismo ao utilizar a mão de obra do trabalhador, em “corpos doentes” que não poderiam utilizar sua mão de obra. Ao mesmo tempo, o trabalhador teria um novo traçado, seria “um trabalhador mais produtivo, disciplinado, moralizado e sobretudo, fisicamente ágil.” (SOARES, 2007, p.134)

A partir daí, a Educação Física, idealizada e realizada pelos médicos higienistas, tornou-se uma disciplina – digamos aqui de cunho “prático”, até hoje confundida apenas como uma “prática” e não como um saber e um fazer, articulados, na dimensão de

auxiliar à formação integral humana – a ser realizada nas escolas, já que o corpo exigido diante de uma nova ordem social seriam os “corpos” e as “mentes” disciplinadas. De uma maneira bem simplista, é daí que vem a ideia de que atividade física é geradora de saúde ou de que o movimento corporal, por si só, de maneira naturalizada, geraria saúde (o discurso da monocausalidade).

Assim, a visão sobre saúde na área da Educação Física repercutiu de uma maneira geral ao longo dos anos, tendo permanecido praticamente reduzida à compreensão de se promover práticas esportivas e de atividades físicas, o estabelecimento de uma suposta relação positiva e linear de que “esporte é saúde” transforma esse conceito de um jeito que não se pode negar a força de sua representação, já que ao longo dos tempos o esporte passou a ser o conteúdo principal/hegemônico da Educação Física.

Nesse sentido, o esporte – aqui estamos tratando do esporte enquanto manifestação do alto rendimento – hoje é uma grande potência representativa que de maneira simplista e errônea é tratado como algo que proporciona automaticamente a saúde de quem pratica, porém se analisarmos as condições do treinamento esportivo de alto nível nem sempre essa afirmação se confirma.

Na discussão que nos propomos fazer agora, trazemos à tona a crítica principal que se baseia em minimizar o conceito de saúde ao aspecto biológico, no qual envolve a ausência de doença para aquisição de saúde, uma forma de pensar a complexidade do tema da “saúde” do ponto de vista do senso comum.

Além disso, o próprio conceito de saúde apresentado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) no século XX, entende

a saúde como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença ou enfermidade”.

Pensamos que esse conceito de saúde apresenta análises reducionistas do estudo do ser humano, visto que as doenças decorreriam apenas de determinismos biológicos, o foco central seria o indivíduo e a ausência de doenças seria o marcador da saúde – importante destacar que não desprezamos que são dimensões a serem consideradas no estudo do que se entende por saúde, por doença, mas aqui nos propomos a pensar numa compreensão para além de aspectos deterministas, em que apenas um aspecto determina ou configura práticas sociais e de vida que garantem ou geram saúde nas pessoas, ou o entendimento destas em relação à saúde e às formas de se mantê-la ou recuperá-la, ou mesmo promovê-la.

Dessa maneira, o aspecto biológico não deve ser encarado único e exclusivamente de forma reduzida, mas sim de forma ampliada, levando em consideração as diversas variáveis, entre elas: as condições sócio-econômicas, culturais, comportamentais, ecológicas e políticas de cada população.

A condição comportamental a que nos referimos aqui é em relação ao atleta de alto rendimento que além de conviver com as intensas pressões de um cotidiano com altas doses de treinamento físico/técnico e com isso, também com as dores das lesões convivem com a “pressão” por parte de técnicos e até mesmo da própria torcida que acompanha sua trajetória. Além disso, o psicológico dos atletas pode ser afetado também por fracassos ou decepções no esporte, na qual seu objetivo não foi

alcançado e faz o atleta sentir-se excluído do mundo esportivo que:

Mais problemáticos que os prejuízos à saúde são (...) os problemas de ordem psíquica. Estes se manifestam e se tornam mais graves, especialmente em casos onde houve decepções. (KUNZ, 2000, 13)

Mas o problema não acaba aqui. A saúde psíquica, como Kunz (2000) se refere pode ser afetada também pela própria cobrança por medalhas, pois é através delas que se obtêm resultados e conseqüentemente, isso repercute em atração (positiva ou negativa) de patrocínios e recursos para um treinamento mais adequado e eficiente. Além disso, a própria mídia colabora com a não promoção da saúde psíquica, ou seja, quando um atleta bastante conhecido está no seu auge, há uma certa pressão, principalmente da mídia, no sentido de fazer uma intensa divulgação e todo esse sensacionalismo faz com que o atleta se sinta pressionado e obrigado a fazer bons resultados (e com isso, trazer resultados para o seu país).

Se levarmos em consideração a variável “família” nesse contexto, provavelmente os atletas por passarem meses sem ter contato presencial com suas famílias e grupos de amigos se sentem fragilizados quanto a tal isolamento social, centrando-se unicamente nas suas equipes e no próprio treinamento, o que acaba por abalá-los psicologicamente pensando-se no convívio social e no excesso de treinamento.

Certamente se levarmos em consideração a saúde de uma maneira bem ampla, como deve ser tratada, a discussão e o entendimento que devemos ter/fazer deve permitir que os fatores biológicos e psicológicos de um atleta que pratica esporte de alto rendimento devem ser levados

em conta em conjunto a outras variáveis, geralmente desconsideradas, como lesões, desilusões, pressões, cobiça, sensacionalismo e geração de expectativas pela mídia, isolamento social, distância da família e amigos e a dificuldade de adequação a um contexto social que difere de sua cidade/estado/país de origem (quando, por exemplo, há a necessidade de mudança do local de treinamento).

Dimensionando a ginástica rítmica: feminilidade, beleza, corpo perfeito

Para entendermos a GR na dimensão da feminilidade, beleza e do corpo perfeito é necessário um breve entendimento a respeito do surgimento do esporte que antes praticado como um meio de sobrevivência tomou dimensões mais amplas, sendo praticado para os homens se prepararem para as guerras, recentemente para a conservação da saúde, chegando aos aspectos estéticos e artísticos do corpo do ser humano, principalmente do corpo da mulher.

Se compararmos a participação de homens e mulheres seja na prática de qualquer manifestação esportiva, seja ela de rendimento ou não, é fácil perceber que antigamente, esporte era considerado algo masculino, pois era o homem que se preparava para guerra, pelas características da força, robustez, enquanto à mulher configuravam-se características como fragilidade, sensibilidade e a indissociável figura da maternidade.

Dessa maneira, as mulheres conseguiram espaço dentro da prática esportiva da ginástica, justamente por possuírem histórica e culturalmente a característica do “sensível”, capaz de expressá-la, de

senti-la construindo assim as próprias características da GR constituindo um esporte eminentemente feminino cujas expressões corporais são evidenciadas e ressaltadas em sua prática, já que, considerando-se as formatações e preconceitos da sociedade, dificilmente caberia ao homem desenvolver os mesmos movimentos “femininos” (apesar que essa sensibilidade atribuída às atletas é conseguida na base de muita força, muito treino, muita dor, muita superação – paradoxalmente, atribuições masculinas).

Diante disso, o corpo utilizado no esporte de alto rendimento como sendo um objeto que procura cada vez mais e maior produção na obtenção de recordes, também é o corpo que ao ser comparado a uma máquina, executa movimentos considerados complexos e de difíceis execuções. E para que esses movimentos sejam executados é necessário que o corpo seja disciplinado, garantindo uma melhor performance do indivíduo que, segundo Vigarello (2008, p.231), “o esporte pode constituir a única educação do corpo”, pois se analisarmos atualmente, foi constituído um mito sobre esporte que afirma piamente que a prática esportiva retira “o jovem das drogas”, que “gera saúde” e isso significam escolhas que devemos realizar na vida, não só esportiva, e que seria por essa razão a educação do corpo, técnico ou não, ao fazer escolhas sejam elas dolorosas ou não. Assim, Vigarello (2008, p.209) afirma: “este corpo técnico... é um corpo medido. Seus progressos, como seus treinamentos, são ‘maquinados’.” Assim,

O corpo é tomado como objeto manipulável enquanto investido na direção de expressar a capacidade humana de dominar a natureza e de explorá-la, fazendo-a render o máximo possível. Potencializar o corpo só é possível

enquanto esse é objetivado, para então fazê-lo suportar a dor e a renúncia do prazer imediato exigido – sentir voluntariamente fome; levar o corpo até a exaustão por meio do exercício físico; comer a partir do cálculo sobre o número de calorias e nutrientes dos alimentos –, em benefício de se construir um corpo atlético e/ou saudável. (BOAVENTURA, 2008, 42)

Se nos referirmos à Dialética do esclarecimento, Adorno e Horkheimer (1985) afirmam que para alcançar o processo de civilização são necessários alguns sacrifícios ao corpo que por terem sido repreendidos como: desejos, sensações; possibilitou a construção de um indivíduo esclarecido capaz de controlar as vontades de seu próprio corpo. A partir daí, ao fazermos analogia com o esporte fica claro que este, segundo Boaventura (2008, p.42) tem como “princípio básico do treinamento colocar o corpo sob o máximo controle”.

Para que o corpo seja controlado é imprescindível a utilização da técnica, e neste caso da GR, uma técnica perfeita, difícil de ser executada e com o passar dos tempos torna-se quase impossível de ser realizada, e um corpo perfeito para execução dos movimentos.

Fazendo uma referência ao que Vigarello (2008, p.220) chama de “modelagem do próprio corpo”, ao retratar o corpo utilizado numa prática esportiva e ao ter como base principal desta pesquisa a GR, esta modelagem está associada a um conceito de beleza constituído a depender do tempo sócio-cultural que vivemos, pois nem sempre a magreza foi sinônimo de beleza. Ao discutir essa tal modelagem, o corpo da ginasta deve estar apropriado ao uso do collant, que por ser um esporte praticado por mulheres e suas características

mitológicas abordarem a beleza feminina, a magreza, ou seja, sua aparência, acaba por se tornar a principal característica de uma ginasta praticante desse esporte que exige cada vez mais da feminilidade, beleza de movimentos e consequentemente corpos modelados para uma boa performance.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Essa pesquisa qualitativa, de caráter descritivo-exploratória, configurou-se, em seu tipo, como estudo de caso (MEKSENAS, 2002), em que pretendemos compreender de maneira interpretativa as experiências dos indivíduos inseridos no contexto em que vivem a fim de buscar uma maior veracidade e fidedignidade dos fatos. Como sujeitos desta pesquisa, selecionamos sete atletas da seleção brasileira de ginástica rítmica, sendo os dados coletados a partir da entrevista semi-estrutura (realizadas no período de 05 a 20 de março de 2011), tendo como técnica para análise dos dados a análise de conteúdo (BARDIN, 2004), em que, a partir deste procedimento, identificamos três categorias de análise: (1) *Habitus* esportivo; (2) O sonho das Olimpíadas, e (3) Saúde é só ausência de doença?

Com base nas entrevistas realizadas com as sete atletas da seleção brasileira de GR organizaram-se as respostas, realizando uma pré-análise e em seguida a elaboração das categorias de análise, conforme sugere a análise de conteúdo. Na sequência do texto, apresentamos essas três categorias – *Habitus* esportivo; O sonho das Olimpíadas; Saúde é só ausência de doença? – que sintetizam os achados deste trabalho, acompanhadas da discussão teórica pertinente ao tema.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Hábitos esportivos

Esta categoria de análise revela as informações dadas pelas atletas no que diz respeito ao treinamento precoce especializado, que desde muito cedo são disciplinadas para obter resultados no esporte. Além disso, as informações desta categoria também apontam para a rotina de treinamento dessas atletas (e o impacto disso em suas vidas sociais, na sua alimentação/dieta, nas perspectivas de superação diária) e as competições as quais participaram.

Habitus⁵ esportivo aparece o maior número de vezes diante dos relatos apresentados pelas atletas. Foram 21 menções nos depoimentos obtidos através das entrevistas.

As ginastas entrevistadas iniciaram sua prática esportiva na escola desde muito novas, na faixa de sete anos de idade. Todas afirmam serem dispensadas das aulas de Educação Física escolar, já que para as escolas o interessante é que o aluno pratique qualquer atividade física (aqui entendida como “esporte”), sendo portanto a GR como o esporte escolhido por elas; motivo pelo qual as ginastas entrevistadas não recordam de suas aulas de Educação Física escolar.

Isso acontece porque as próprias escolas desconhecem a importância das aulas de Educação Física, componente curricular este sendo erroneamente tratado como uma simples aula que aborda apenas os esportes em si, de maneira “prática”.

Assim, o senso comum pensa que qualquer atividade física “naturalmente” proporciona saúde ao indivíduo,

considerando esta, a única qualidade das aulas de Educação Física e por isso, o aluno ao praticar um esporte qualquer é dispensado dessas aulas, trazendo essa proposta que, desde cedo, as crianças são acostumadas a optarem por um único esporte.

Tratando das questões do treinamento precoce:

Os maiores problemas que um treinamento especializado precoce provoca na vida da criança e especialmente em seu futuro, após encerrar a carreira esportiva são: a unilateralização de um desenvolvimento que deveria ser plural; reduzida participação em atividades, brincadeiras do mundo infantil, indispensáveis para o desenvolvimento da personalidade na infância. (KUNZ, 1994, p.12)

Essa unilateralização de movimentos que o esporte específico de rendimento proporciona, também traz consigo uma unilateralização do atleta que se materializa depois de obter uma graduação em Educação Física (como também se constatou nesta pesquisa), mantendo o círculo vicioso, ou seja, continua realizando, agora na condição de professor, apenas o que aprendeu na sua vida de treinamento esportivo, ou seja, tratar a GR no seu sentido estritamente técnico e de treinamento numa aula de Educação Física Escolar:

Ginástica é vício! Você sai da ginástica e vira técnica, é mole? (Ginasta 5, depoimento)

Se pensarmos num treinamento de rendimento durante a infância, Kunz (1994) faz críticas ao analisar que a criança

5 O *habitus* é o princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição, isto é, em um conjunto unívoco de escolha de pessoas, de bens, de práticas. (PILATTI, 2006).

perde as brincadeiras, que são próprias da idade, vivenciando uma fase antecipada de responsabilidades e de uma vida social regrada e diferente das outras crianças que não o praticam.

Além disso, as ginastas relatam a disciplina que aprendem a ter em relação ao ritmo de treinamento, a chamada “super-dosagem de treinamento” desde novas. Aprendem que a repetição do movimento leva à perfeição e que tudo que elas querem alcançar depende, apenas, da força de vontade delas. Ou seja, tudo para essas atletas depende do desempenho e da superação que elas procuram ter para permanecerem na seleção brasileira.

A partir daí, é perceptível o quanto o sacrifício de manter o “corpo ideal”, essa sistematização de controlar o peso é algo naturalizado para elas, sendo um hábito já incorporado pelas ginastas enquanto um esporte que exige ter um corpo longilíneo e esbelto, fazendo parte, assim, de um “habitus esportivo” da ginástica rítmica.

É uma educação diferenciada das pessoas que não praticam o esporte, sabe? (ginasta 7, depoimento)

Essa “educação” que a ginasta se refere condiz com o fato de que quem pratica o esporte de alto rendimento aprende valores que normalmente um sujeito que não pratica não possui. Valores como: ter determinação e não desistir facilmente de seu objetivo, garra, força de vontade não só no esporte em si, mas força de vontade no que diz respeito a abdicar de outras atividades na vida delas; são valores que para serem praticados, necessitam da abdicção de muitas atividades que normalmente um sujeito não abdicaria de sua vida social e

pessoal por causa de um trabalho, no caso delas, profissionais que vivem do esporte, em especial, da seleção brasileira de GR.

O que se vê diante das entrevistas realizadas com essas ginastas é a presença do chamado Ethos esportivo que se caracteriza por possuir características próprias de um atleta de rendimento, ou seja, é como se fosse uma identidade esportiva que possuem uma cultura que seria ter disciplina, determinação e garra, como os sujeitos da pesquisa afirmam, para conseguir atingir qualquer objetivo, seja no esporte ou na dimensão da vida social de cada um.

Sobre isso, apoiamo-nos em Vigarello (2008, p.197), ao considerar que:

O treinamento pode continuar sendo uma cultura “curiosa”, surdamente contestável: esforço muito egoísta enquanto se deveriam privilegiar outras eficácias. É a legitimidade do treinamento: as resistências, aos obstáculos escondidos. A passagem da simples expectativa de força, por exemplo, a um objetivo mais profundo, mais complexo, o de um interminável e íntimo desabrochar pessoal. Daí essa constatação de um treinamento físico e um desenvolvimento pessoal. Trata-se do jogo com o limite.

A crítica que Vigarello (2008) faz ao treinamento diz respeito ao fato de que, a cada ano que passa o treinamento fica mais técnico e mais rigoroso, transformando esse treinamento num desafio impactante em relação ao psicológico e ao tempo disponível de lazer de um atleta que numa (in)certeza de ganhar um campeonato realiza sacrifícios egoístas diante uma vida social habitual.

Todas as entrevistadas relatam que seu treinamento ocupa de oito a dez horas por dia, com repetições desde muito cedo, pois a GR é um esporte que necessita da

repetição para alcançar a perfeição, como elas dizem, porque até mesmo treinando muito, no momento da competição pode-se falhar:

É um esporte muito impreciso! Você pode fazer lindo, perfeito hoje e amanhã errar tudinho (ginasta 3, depoimento).

Por fim, esta categoria ilustra o quanto as atletas são disciplinadas desde cedo para exercerem sua carreira profissional obtendo êxitos e conquistando seu espaço dentro do mundo esportivo.

O sonho das Olimpíadas

A categoria O sonho das Olimpíadas foi criada a partir da evidência que as atletas fazem em relação a atingir a principal meta que qualquer atleta do alto rendimento espera alcançar: ir aos Jogos Olímpicos.

O sonho de um dia chegar às Olimpíadas é uma expressão utilizada por todas as ginastas entrevistadas aparecendo 16 vezes nos relatos de entrevistas.

Esta categoria mostra a expectativa que as atletas têm em estar e se manter na seleção brasileira e seus planos futuros no que diz respeito a sua carreira esportiva.

O que se vê diante das respostas coletadas de cada ginasta é a presença exacerbada do lema do ideal olímpico: Citius, Altius, Fortius, que resume a postura que um atleta precisa ter para alcançar seus objetivos, a superação em busca da medalha olímpica, a essência que deve possuir em qualquer atleta que é a superação de limites e aprender a transpor as barreiras.

Nas falas das atletas expressam-se alguns sacrifícios que alegam terem feito/fazerem, como por exemplo controlar a

alimentação, já que o perfil de uma atleta de GR é ter um corpo esbelto e longilíneo que transpareça suavidade e leveza em movimentos que cada dia mais se exigem técnica e aperfeiçoamento. Então a própria roupa utilizada por elas exige um corpo magro, exige um controle de alimentação até mesmo porque todo dia elas são pesadas, objetivando-se, assim, um “enquadramento corporal” quantitativo e simbólico:

É incontestável que a transformação dos corpos das ginastas depende de muita dedicação em relação aos treinos, mas seria ingenuidade pensar que o perfil atlético se dá somente devido a esse fator. Para compor o treinamento, além da exigência técnica, elas devem controlar o peso corporal. (BOAVENTURA, 2008, p.44)

Além disso, é perceptível que a GR ao mesmo tempo que exige da atleta uma “magreza” para que seja bonito de se ver, exige também cada vez mais funcionalidade. Segundo Gonçalves (2007), isso acontece principalmente com bailarinas que, para nós, também apresenta-se como característica da GR, já que o ballet e a GR possuem características em comum no sentido de que percebemos a contradição existente nessas duas práticas que é a beleza versus o sofrimento e que exige um “corpo ideal” e cada vez mais técnica nessas práticas.

Em contraponto elas afirmam que precisam sempre emagrecer, mas não possuem acompanhamento de um nutricionista, podendo acarretar sacrifícios maiores ainda:

O que mais chocou (...) foi ver minha amiga que conheci lá em Joinville, sabe? Ter início de bulimia e era horrível, sabe, ver ela comendo e vomitando várias vezes por dia (...) todo dia né e você

não poder fazer nada, era triste. Prefiro nem falar (...) (Ginasta 3, depoimento)

Além disso, as ginastas contam que abdicam de famílias, amigos, de sair para as festas, tudo em prol de um treinamento de alto nível para a realização de um sonho.

As falas mais acentuadas se referem ao sacrifício realizado por elas quando retratam as dores e as lesões já sofridas por causa do esporte. O que se vê diante disso é uma preocupação em não conseguir suportar as dores e em consequência não atingir a meta delas que sempre foi o sonho de estar nos Jogos Olímpicos. Jamais ressaltam a preocupação em passar o resto da vida sentindo dores. O importante para elas são as Olimpíadas.

Manter-se na seleção brasileira de GR requer alguns sacrifícios, como: controlar a alimentação, abdicar de uma vida social “normal”, conviver com as dores/lesões, mas para elas:

Não importa o sacrifício, não importa as dores, não importa dinheiro, não importa nada na verdade né? Tudo vale a pena pra um dia você chegar numa Olimpíada sabe? Acho que é a melhor sensação, entende? Você saber que treinou muito, que se sacrificou muito (...) que arreventou sua coluna pra tá ali (...) e saber que deu certo sabe? Acho que deve ser a melhor sensação pra qualquer atleta né? (Ginasta 7, depoimento).

As ginastas entrevistadas comparam o salário referente a um jogador de futebol e o salário referente a uma ginasta, que na verdade elas chamam de “bolsa ajuda”. Fica evidente em suas falas que elas não praticam a GR por causa do capital financeiro que supostamente viria em troca pela prática esportiva e alto rendimento, mas por se

mostrarem apaixonadas pelo esporte que praticam:

Quem faz ginástica faz por amor e não por dinheiro entendeu? (Ginasta 5, depoimento)

Por fim, conforme a lógica das ginastas entrevistadas, poderíamos dizer que qualquer sacrifício vale a pena para estar e se manter numa seleção a fim de realizar o maior sonho de qualquer atleta, ou seja, atingir sua meta que é participar dos Jogos Olímpicos, mesmo com chances irrisórias de medalha. Para elas, portanto, a participação já é suficiente para a realização deste grande sonho presente na vida de qualquer atleta profissional.

Saúde é só ausência de doença?

A categoria apresentada foi citada pelas atletas 11 vezes, tendo como discussão as questões relativas ao conceito de saúde estipulado por elas, abordando os fatores sobre as lesões, as dores, os pensamentos otimistas e o controle da alimentação, mostrando uma relação controversa no sentido mais amplo do que seria “saúde”, bem como algumas contradições apontadas nos depoimentos dessas atletas pesquisadas.

As ginastas contam que para elas controlar a alimentação é uma exigência desse esporte, mas não associam a algum sacrifício, pois acreditam que por controlar a alimentação elas estão sendo sujeitos saudáveis.

Neste ponto, percebe-se um discurso muito utilizado popularmente no sentido de que uma boa alimentação (restritiva, no caso) gera saúde, ou seja, caindo novamente numa unicausalidade em relação a um

elemento tão amplo, diverso e complexo da vida humana, que é a “saúde”.

Pelos depoimentos citados, constata-se que existe uma naturalização das dores e lesões por parte das ginastas que se sentem “obrigadas” a sentirem dores por praticar um esporte de rendimento. Isso ocorre porque já está implícito em atletas de alto nível o chamado *ethos* esportivo que é como se fosse algo de costume de todos os atletas (o famoso ditado “sem dor, sem ganhos!”).

Muitas vezes, as ginastas afirmam que procuram diminuir a dor por meio do uso de medicamentos diversos, analgésicos, sprays, pomadas, ataduras, bolsas térmicas, equipamentos de proteção, enfim, uma série de artimanhas cujo propósito não é cessar a fonte da dor, mas permitir, mesmo com ela, que o treinamento e a máxima performance continuem. Perguntamo-nos: que saúde é essa? Que “ausência de doenças” é essa? A simples forma de “lidar” com a dor, mesmo que por curtos instantes temporais?

Essas atletas afirmam possuírem lesões principalmente nos membros inferiores, isso ocorre porque na GR são específicos exercícios de ponta de pé, flexibilidade nas pernas e na coluna, por isso as principais lesões delas estão localizadas na coluna, virilha e tornozelo. Ao fazer uma análise sobre as lesões é evidente que um tornozelo machucado, lesões e dores no pé, por exemplo, impactam na saúde de uma atleta, mas essas dores são naturalizadas por elas e o importante seria manter a “saúde mental” como as entrevistadas relatam. Ou seja, se preocupam apenas em atingir o objetivo proposto por elas enquanto profissionais do esporte, o que é evidente na categoria O sonho das Olimpíadas.

Para as ginastas, conforme seus depoimentos e entendimentos, ter saúde

significa, simplesmente, não ter doenças! – algo que também impera no senso comum. Isso vem do discurso médico higienista que de uma maneira simplista aborda a saúde como sendo única e exclusivamente ausência de doença. Assim, tratar a saúde a partir de um determinante biológico é algo ingênuo diante de outros aspectos relevantes como o contexto social ao qual o sujeito está inserido.

Conceituar “saúde” não é tarefa fácil. Os conceitos aparecem frouxos, não tão bem delimitados. (...) a doença está relacionada à história do indivíduo e deste com a sociedade, ela é uma perturbação experimentada pelo indivíduo, uma exceção que o afasta das suas relações vitais em que ele estava habitualmente vivendo. (PALMA, 2001, p.30)

Concordamos com o que afirma Palma (2001) pois, ao analisarmos o histórico das ginastas entrevistadas percebemos que além do esforço/desgaste físico realizado por elas, existe todo um contexto, seja social (quando a ginasta treina em um estado diferente da qual está habituada, longe da família/amigos e com a pressão da responsabilidade de representar o país), seja no contexto individual (fazendo parte assim do aspecto saudável dessas ginastas).

De acordo com Kunz (2000, p.13):

O treinamento esportivo apresenta elevadas exigências à psique do atleta. Assim, o treinamento é um processo que submete o organismo do desportista a elevadas cargas físicas e psíquicas, procurando elevar sua capacidade de trabalho e, com isso, possibilitar esforços máximos.

Finalizando esta categoria de análise, constatamos que as atletas se consideram

sujeitos saudáveis, mesmo possuindo inúmeras lesões e dores que para elas já é algo natural em suas vidas – é do universo esportivo, do *habitus* esportivo –, mas tendo como principal característica de um “ser saudável” um sujeito que esteja bem mentalmente (pensamentos otimistas) e que não possua doença alguma.

É claro que esse pensamento contraditório dessas ginastas é uma naturalização/incorporação deste tipo de sentimento às suas vidas, pois para atingir um sonho submetem-se a qualquer sacrifício.

Assim, poderíamos afirmar, baseados nessas três categorias apresentadas e discutidas, que configuram-se, neste estudo e neste grupo de atletas em particular, como representações sobre o treinamento de alto rendimento não só para o senso comum mas como também, e principalmente, para aqueles/as que são os sujeitos dessas práticas (atletas profissionais).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa nos revelou que as atletas são disciplinadas desde cedo para exercerem sua carreira profissional obtendo êxitos e conquistando seu espaço dentro do mundo esportivo, visualização presente na categoria *Habitus* esportivo, em que se percebeu a naturalização de vários sacrifícios com o objetivo de alcançar a meta dos Jogos Olímpicos.

Considerando que conceituar “saúde” é algo objetivamente difícil, constatamos que as atletas se consideram “sujeitos saudáveis”, mesmo possuindo inúmeras lesões e dores (algo naturalizado em suas vidas), entretanto, para elas, a principal característica de um “ser saudável” é estar

“bem mentalmente”, ter pensamentos otimistas e não possuir doença.

Dessa maneira, buscamos através de vários questionamentos e discussões responder uma das questões, senão a mais importante deste trabalho, que se refere ao esporte de alto rendimento ser prejudicial à saúde.

Se considerarmos que: a prática esportiva de alto nível exige repetições de exercícios, ocasiona lesões das mais diversas e de graus variados; distância familiar e isolamento social, ocasionam impactos emocionais e consequentemente impactos da esfera social; bem como pressão para ganhar um campeonato e resultados/recordes, impactos psicológicos; decepções etc., poderíamos inferir que de certo modo, a este grupo em específico, o esporte de alto rendimento faz mal à saúde de quem o pratica.

Porém não há manifestações das atletas em relação ao não ser saudável diante da prática esportiva de rendimento (que nos remete à discussão da categoria Saúde é só ausência de doença?), o que percebemos é que o que move essas ginastas à prática do esporte de alto rendimento é atingir o sonho de chegar às Olimpíadas e quem sabe se tornar uma campeã Olímpica (o que visualizamos na categoria O sonho das Olimpíadas).

Assim, o esporte de alto rendimento proporciona às ginastas uma vida mais regrada em relação à vida social, conhecimento de culturas diferentes que talvez se não tivessem praticado esse esporte não teriam conhecido tantos países (característica bastante positiva apresentada em seus depoimentos); o amadurecimento delas enquanto cidadãs no sentido de aprenderem a “se virar sozinhas” desde cedo, ou seja,

como elas afirmam, trata-se de uma educação diferenciada das “pessoas normais”.

De acordo com Kunz (1994, p. 25) “arrancar resultados cada vez melhores em menos tempo, isto é o ‘princípio da racionalidade irracional do esporte’”. Em outras palavras significa ser um ato sacrificante o esporte de alto nível se pensarmos na dimensão humana desta prática.

Concluindo, é de extrema importância alertar os atletas de alto nível quanto aos riscos que eles correm não com a finalidade de abolir a prática do esporte de rendimento (afinal de contas, o esporte configura-se contemporaneamente como um dos fenômenos de maior encantamento estético), mas com a finalidade de conscientizá-los dos malefícios à saúde que podem acarretar durante a prática e até mesmo na continuidade de sua vida profissional esportiva. E no caso da Educação Física escolar, estudos como este se apresentam como uma tentativa de melhor compreender o fenômeno esportivo e suas múltiplas facetas, ampliando o olhar simplista em torno do esporte de alto rendimento visto muitas vezes como algo saudável e que afasta naturalmente o jovem das drogas. O *habitus* esportivo precisa ser compreendido em sua complexidade, e não apenas da maneira mercadorizada e espetacularizada que costumamos ver em programas esportivos disseminados pela mídia, em especial, a televisiva.

REFERÊNCIAS

- ADORNO. T.W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed. 3, 2004.
- BETTI, M. Esporte na mídia ou esporte da mídia? **Motrivivência**, Florianópolis, n.18, p.1-3 2002.
- BIANCHI, P.; HATJE, M. Mídia e esporte: os valores-notícia e suas repercussões na sociedade contemporânea. **Motrivivência**, Florianópolis. n.27, p.165-178, 2006.
- BOAVENTURA, P. **Feminilidade, corpo e técnica: sobre a produção da beleza na ginástica rítmica**. 2008. 79f. (Monografia de Licenciatura em Educação Física – Universidade Federal de Santa Catarina), Florianópolis, 2008.
- BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. Vitória: UFES, 1997.
- CAVALCANTI, L.; PORPINO, K. O corpo belo da ginasta: uma análise da regulamentação do espaço e do tempo. Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. **Anais...** XV, CBCE, Recife, 2007. Disponível em: <<http://www.cbce.org.br/cd/resumos/093.pdf>>. Acesso: 02 agosto 2011.
- GONÇALVES, M. **Corpos e subjetivações: o domínio de si e suas representações em atletas e bailarinas**. 2007. 124f. (Dissertação de mestrado em Educação – Universidade Federal de Santa Catarina), Florianópolis, 2007.
- KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 2000.
- _____. As dimensões inumanas do esporte de rendimento. **Movimento**, v.1, n.1, p.23-28, 1994.
- MARIN, E. O espetáculo esportivo no contexto da mundialização do entretenimento midiático. **Revista brasileira de ciências do esporte**, Campinas, v.30, n.1, p. 75-89, 1998.
- MEKSENAS, P. **Pesquisa social e ação pedagógica: conceitos, métodos e práticas**. São Paulo: Ed. Loyola, 2002.

- PALMA, A. Educação Física, corpo e saúde: Uma reflexão sobre outros "modos de olhar". **Revista brasileira de ciências do esporte**, Campinas, v.22, n.2, p. 23-39, jan.2001.
- PILATTI, L.A. Pierre Bourdieu: apontamentos para uma reflexão metodológica da história do esporte moderno. **Efdeportes – Lecturas Educación Física**, Buenos Aires, año 11, n.97, jun./2006. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd97/bourdieu.htm>>. Acesso: outubro 2011.
- SOARES, C. **Educação Física: raízes européias e Brasil**. São Paulo: Autores Associados, 2007.
- VAZ, A. Doping, esporte, performance: notas sobre os "limites" do corpo. **Revista brasileira de ciências do esporte**, Campinas, v.27, n.1, p. 23-36, 2005.
- VIGARELLO, G. Treinar. In: CORBIN, A; COURTINE, J-J; VIGARELLO, G. (org). **História do corpo: as mutações do olhar**. O século XX. Tradução de Ephaim Ferreira. São Paulo: Vozes: 2008, p. 197-250.
- Entrevistas:**
- GINASTA 1. Depoimento à autora em 05 de março de 2011.
- GINASTA 2. Depoimento à autora em 06 de março de 2011.
- GINASTA 3. Depoimento à autora em 11 de março de 2011.
- GINASTA 4. Depoimento à autora em 12 de março de 2011.
- GINASTA 5. Depoimento à autora em 18 de março de 2011.
- GINASTA 6. Depoimento à autora em 19 de março de 2011.
- GINASTA 7. Depoimento à autora em 20 de março de 2011.

THE HIGH PERFORMANCE SPORT IS BAD FOR HEALTH? An analysis of the athletes of the brazilian national rhythmic gymnastics

ABSTRACT

Considering the Brazilian national team athletes in rhythmic gymnastics and sports training context, we identify and analyze the understandings that these athletes have in relation to health. What kind of research was a case study, participant observation and semi-structured interviews. From the data collected, the analyzes summarized in the following categories: "Habitats sports", "The dream of the Olympics" and "Health is not only absence of disease? We see a narrow view of health that, at least for these high performance athletes, based only on pain control, so a restricted view to the physical, and psychological and social issues disregarded.

Keywords: High performance sport; Health; Rhythmic gymnastics.
